

## O modo de conhecer em Kant: interpretação fenomenológica de Heidegger sobre Kant

*Kant's way of knowing: Heidegger's phenomenological interpretation about Kant*

*Le mode de connaissance de Kant: l'interprétation phénoménologique de Heidegger à propos de Kant*

**Wender da Costa Dias<sup>1</sup>**

**Resumo:** Neste trabalho objetiva-se mostrar como Heidegger interpreta os fundamentos da teoria kantiana na *crítica da razão pura*, logo na introdução, sobre o modo de como se conhece a realidade a partir da sensibilidade e entendimento. Heidegger elabora fenomenologicamente os esquemas que ele interpreta de Kant como existenciais de um ente privilegiado enquanto ser-no-mundo. Para Heidegger o problema do conhecimento tem seu fundamento no próprio ser que tem íntima relação com a verdade e com o ser-no-mundo, ou seja, o *Dasein*. Portanto, na primeira parte, passaremos por uma breve apresentação da teoria de Kant sobre sua concepção do modo de conhecer, para em seguida apresentar como Heidegger interpreta Kant a partir da fenomenologia dando prioridade a conceitos como verdade, compreensão, mundo e, principalmente, ser.

**Palavras-chave:** Conhecimento. Fenomenologia. Ser. Verdade.

**Abstract:** This work aims to show how Heidegger interprets the foundations of Kantian theory in the critique of pure reason, right in the introduction, on the way in which reality is known from sensitivity and understanding. Heidegger phenomenologically elaborates the schemas that he interprets from Kant as existential of a privileged being as being-in-the-world. For Heidegger, the problem of knowledge has its foundation in the very being that has an intimate relationship with the truth and with being-in-the-world, that is, *Dasein*. Therefore, in the first part, we will go through a brief presentation of Kant's theory about his conception of the way of knowing, to then present how Heidegger interprets Kant from the phenomenology giving priority to concepts such as truth, understanding, world, and mainly: being .

**Keywords:** Knowledge. Phenomenology. To be. Truth.

**Résumé:** Ce travail vise à montrer comment Heidegger interprète les fondements de la théorie kantienne dans la critique de la raison pure, dès l'introduction, sur la manière dont la réalité est connue à partir de la sensibilité et de la compréhension. Heidegger élabore phénoménologiquement les schèmes qu'il interprète à partir de Kant comme existentiels d'un être privilégié comme être-dans-le-monde. Pour Heidegger, le problème de la connaissance a son fondement dans l'être même qui a un rapport intime avec la vérité et avec l'être-au-monde, c'est-à-dire le *Dasein*. Ainsi, dans une première partie, nous ferons

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú. Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Ouro Preto.

une brève présentation de la théorie de Kant sur sa conception de la manière de connaître, pour ensuite présenter comment Heidegger interprète Kant à partir de la phénoménologie donnant la priorité à des concepts tels que vérité, compréhension, monde, et surtout: être.

**Mots clés:** Connaissance. Phénoménologie. Être. Vérité.

---

## 1 INTRODUÇÃO

**T**rataremos de uma interpretação de Heidegger sobre a teoria kantiana do conhecimento. Dessa maneira, desenvolve-se a tarefa da interpretação de Heidegger e sua concepção, no tocante ao problema do conhecimento em Kant. Este trabalho situa-se na interpretação fenomenológica de Heidegger que manifesta a originalidade da teoria kantiana em relação à abordagem dos conhecimentos *a priori* e *a posteriori*, até aos juízos analíticos e sintéticos, levando-nos aos juízos sintéticos *a priori*, e estes serão os princípios que fundamentarão a metafísica como ciência. Devido à amplitude da problemática nos limitaremos a uma sucinta análise do assunto nesse artigo.

A teoria do conhecimento em Kant é considerada como transcendental, no sentido em que aborda a possibilidade de um conhecimento verdadeiro sobre as coisas, e o autor se apoia em uma teoria do juízo que fundamentará uma teoria do conhecimento, sendo este uma síntese de faculdades do espírito humano. Para Heidegger, esta síntese não se dá em um “eu” transcendental, mas sim na própria unidade do Dasein enquanto ser-no-mundo.

Heidegger acentua que na teoria kantiana já está implícita a busca de uma fundamentação ontológica para a metafísica, e é este o objetivo heideggeriano: mostrar as bases da metafísica kantiana, ou seja, onde está fundada a metafísica, que é justamente no homem. Heidegger, nos mostra que o *Dasein*<sup>2</sup> está sempre em relação em um mundo numa situação, assim, lançado no mundo o *Dasein* sempre se projeta em direção a uma situação, e nesta situação ele sempre já tem uma pré-compreensão mesmo implícita do que seja ser. Esta compreensão estaria fundada em uma verdade originária, que seria o fundamento do conhecimento, substituindo as concepções de sujeito e objeto e as teorias predicativas

---

<sup>2</sup> *Dasein*: termo utilizado por Heidegger, a partir de uma função adverbial que indica uma temporalidade. O termo é um conceito importante para a concepção heideggeriana de homem. Designa ainda o ser que está contido em-si, para além de si, ou seja, está para as relações com o mundo. Assim, *Dasein* diz respeito a: estar aí lançado no mundo.

proposicionais. Heidegger estabelece o fundamento do conhecer e da metafísica no seio da constituição ontológica do *Dasein*.

Portanto, se em Kant o fundamento do conhecimento recai em estruturas abstratas e transcendentais, como se daria a relação dessa transcendência com o objeto no mundo? Para Heidegger, é preciso que este “eu” já esteja em uma relação originária com o mundo para que este venha ao encontro do “eu”, e é com o conceito de ser-no-mundo que Heidegger resolve essa problemática do conhecimento. Pois, ser-no-mundo é constituição originária e fundante do ser do homem.

Por se tratar de um trabalho de pesquisa teórica realizamos um levantamento bibliográfico para consecução do nosso objetivo. Buscou-se a consideração da problemática com relação à teoria de Kant e a proposta heideggeriana. Portanto, a partir das obras: *Ser e tempo*, *Sobre a essência do Fundamento*, *Carta sobre o Humanismo*, *O que é Metafísica?* de Heidegger; e de algumas outras obras como *A Crítica da razão pura*, de Kant, e comentadores, tentamos contribuir com esclarecimentos teóricos sobre os assuntos abordados. Em suma, o trabalho se apoia em dados qualitativos para a realização de nosso propósito que é justamente a interpretação de Heidegger sobre Kant em relação ao modo de conhecer.

## **2 KANT: CONHECIMENTO COMO SÍNTESE DE SENSIBILIDADE E ENTENDIMENTO**

Immanuel Kant (1724-1804) é considerado um dos principais pensadores da história da filosofia quando se trata de uma teoria do conhecimento. Sua obra *Crítica da razão pura*, (1781), a primeira de uma trilogia, esboça também a sua concepção em relação ao nosso modo de conhecer a realidade. O que Kant pretende de início é promover uma mediação entre racionalismo e empirismo para “superar a dicotomia racionalismo-empirismo: condenou os empiristas (tudo que conhecemos vem dos sentidos) e não concordava com os racionalistas (tudo quanto pensamos vem de nós mesmos)” (Aranha; Martins, 2009, p. 181). Desse modo, resolvendo a querela entre essas duas doutrinas filosóficas e, conseqüentemente, mediando também dois aspectos do conhecimento, o *a priori* e o *a posteriori*, para ele não se deve dispensar nenhuma destas duas características necessárias na elaboração do conhecimento, como podemos ver nesta passagem da *Crítica da razão pura*:

Portanto, é pelo menos uma questão que requer uma investigação mais pormenorizada e que não pode ser logo despachada devido aos ares que ostenta, a saber, se há um tal conhecimento independente da experiência e mesmo de todas as impressões dos sentidos. Tais *conhecimentos* denominam-se *a priori* e distinguem-se dos empíricos que possuem suas fontes *a posteriori*, ou seja, na experiência (Kant, 1996, p. 53).

Segundo Kant, existem duas direções para o início do processo de conhecimento, uma via pura e uma empírica. Assim, o ser humano possui conhecimentos *a priori*, que são puros e gerais, e conhecimentos empíricos, aqueles que adquirimos através da experiência; podemos dizer ainda, há conhecimentos universais e particulares. Um dado importante na filosofia de Kant será o fato de ele nos revelar que todo conhecimento começa a partir da experiência, porém, nos alerta que nem todos têm sua origem em qualquer experiência. Justificamos isso com a seguinte passagem da *Crítica da razão pura*:

Que todo conhecimento começa com a experiência, não há dúvida alguma, pois, do contrário, por meio do que a faculdade de conhecimento deveria ser despertada para o exercício senão através de objetos que tocam nossos sentidos e em parte produzem por si próprios representações, em parte põe em movimento a atividade do nosso entendimento para compará-las, conectá-las ou separá-las e, desse modo, assimilar a matéria bruta das impressões sensíveis a um conhecimento dos objetos que se chama experiência? [...]. Mas embora todo o nosso conhecimento comece com a experiência, nem por isso todo ele se origina justamente da experiência [...]. (Kant, 1996, p. 53).

Constata-se que uma de suas preocupações é justificar a possibilidade de um conhecimento que seja independente da experiência.

É neste momento que Kant distingue os tipos de juízos em: a) analíticos, que seriam aqueles onde há conexão de identidade entre o sujeito da proposição e o seu predicado, ou seja, o predicado já está incluído no sujeito de maneira necessária. São desse modo, juízos explicativos. “Juízos analíticos (os afirmativos) são, portanto, aqueles em que a conexão do predicado com o sujeito for pensada por identidade” (Kant, 1996, p. 58). b) o outro tipo de juízo será o juízo sintético, no qual a conexão entre sujeito e predicado não é pensada de maneira necessária, em outras palavras, a conexão é pensada sem identidade. Entende-se que este segundo tipo de juízo é adquirido a partir da experiência, assim, são juízos sintéticos, e a ligação entre sujeito e predicado, aqui, é uma ligação sintética, e, portanto, são juízos extensivos. Nas palavras de Kant,

[...] os últimos ao contrário acrescenta ao conceito de sujeito um predicado que de modo algum era pensado nele nem poderia ter sido extraído dele por

desmembramento algum. [...] O acréscimo de um tal predicado fornece, portanto, um juízo sintético (Kant, 1996, p. 58).

A partir disso, nota-se que, um juízo é uma ligação sintética entre um sujeito e predicado. O problema que surge é que para o objetivo kantiano de, como dito antes, justificar um modo de conhecimento independente da experiência, estes dois tipos de juízos não são suficientes, pois, por suas características, os juízos analíticos não ampliam o nosso conhecimento, e os sintéticos não são necessários e universais como os anteriores. Então a resolução kantiana é formar um novo tipo de juízo, que serão os juízos denominados sintéticos *a priori*; estes devem ser universais e necessários e anteceder toda e qualquer experiência, no entanto, ampliam nossa experiência de conhecimento. Kant afirma que:

[...] não obstante indispensável devido à razão humana, devem *estar contidos conhecimentos sintéticos a priori*, e de maneira alguma lhe cabe apenas desmembrar conceitos que nos fazem *a priori* de coisas e por meio disso elucidá-los analiticamente, mas queremos ampliar o nosso conhecimento *a priori*; para tanto, temos de servir-nos daqueles princípios que ao conceito dado acrescentam algo não contido nele e que por meio de juízos sintético *a priori*, venhamos quicá a ir tão longe que a própria experiência não pode nos seguir até tal ponto[...] (Kant, 1996, p. 62).

Com esse tipo de juízo a intenção do autor será salvar a metafísica como discurso científico, buscando um fundamento ou princípio para a metafísica. Portanto, Kant promove uma mudança essencial de perspectiva em relação a metafísica e nosso conhecimento. Com sua teoria, Kant estabelece um aumento da segurança de nossa razão pura, mas, por outro lado, impõe limites para esta mesma razão.

Assim, estes são os modos de juízos de conhecimento em Kant, juízos *analíticos*, *sintéticos* e *sintéticos a priori*; eles são fontes de nosso modo de conhecer. Para Kant, o limite citado dado à razão estabelece-se a partir de outra distinção em seu pensamento, o conhecimento *a priori* é nos dado a partir das intuições de espaço e tempo que constituem a possibilidade de conhecimento humano; é justamente este o limite da razão: ela só pode conhecer o que estiver dentro do âmbito de espaço e tempo, que Kant denominará *fenômeno* em distinção do *númeno* que constitui a coisa em si e que não podemos conhecer. Estas intuições fazem parte da sensibilidade humana, e “a capacidade (receptividade) de obter representações mediante o modo como somos afetados por objetos denomina-se *sensibilidade*” (Kant, 1996, p. 71). Esta é a capacidade estética da sensação à qual todo e qualquer material, que será conteúdo de nosso conhecer, nos são dados. Em seguida o autor se refere ao nosso entendimento, que será outra capacidade humana; “[...] pelo entendimento, em vez, os objetos são pensados e dele

se originam conceitos” (Kant, 1996, p. 71). Esta capacidade, por sua vez, tem a função de aplicar categorias a todo o material que é recebido de maneira receptiva através das formas da intuição sensível de espaço e tempo da sensibilidade. Esta faculdade do espírito humano organiza todo material captado em conceitos. A ciência depende da aplicação desses conceitos sobre os objetos. Assim, em Kant, o que constitui nosso conhecimento está ligado diretamente às nossas capacidades de sentido e entendimento que através de uma síntese entre ambos gera-se o produto do nosso conhecimento. Por isso, Faria Blanc (1998, p. 301-302), na obra *Estudos sobre o ser* apresenta a seguinte afirmação: “[...] é necessário que o diverso sensível seja subsumido por uma unidade mais geral. Intuição e conceito constituem então os dois elementos essenciais do conhecimento e geral [...]”; e é, assim, que a experiência é possível: a percepção através da intuição formal do espaço e do tempo constitui a base, e os juízos do entendimento que são juízos de percepções, comparam num primeiro momento e em seguida unem estas mesmas percepções na consciência. Importa que a intuição deverá ser organizada em um conceito no entendimento, assim cria-se um juízo que era subjetivo (intuição a sensibilidade) em universal (categorias do entendimento), e este conceito é puro *a priori*, que subsume a intuição a partir da forma do juízo geral; isso torna o juízo empírico particular em universal, um conceito puro objetivamente válido do entendimento.

Todo este arcabouço conceitual de Kant denomina-se transcendental, pois se ocupa da maneira de como é possível conhecer os objetos a partir de conceitos *a priori*, como, por fim, observamos na *Crítica da razão pura* (Kant, 1996, p. 66): “A filosofia transcendental é a ideia de uma ciência para a qual a criticada razão pura deverá projetar o plano completo, arquitetonicamente, isto é, a partir de princípios, [...] Ela é o sistema de todos os princípios da razão pura”; aqui, ele nos diz que todo esse sistema constitui a filosofia transcendental.

### 3 HEIDEGGER: CONHECIMENTO COMO MODO DE SER DO *DASEIN*

No pensamento heideggeriano o problema do conhecimento está intimamente ligado com o problema da verdade e da compreensão do ser. Portanto, é importante que se demonstre de antemão o seguinte em relação ao seu pensamento: O conceito de verdade não é entendido como uma característica que o sujeito estabelece em relação a algo. Heidegger critica a distinção entre sujeito e objeto que na modernidade foi vista como uma relação cognoscível, de

maneira gramatical e lógica. No pensamento deste autor, a fenomenologia seria um método através do qual as coisas manifestariam seu ser mesmo. Atingindo o fenômeno puro, a fenomenologia pretende então chegar às coisas elas mesmas, e, pode-se dizer, como elas se mostram em si mesmas. Importa dizer que na fenomenologia a conceituação é criticada do seguinte modo: a verdade como fundamento é anterior ao conceito, por isso, entendemos toda essa conjectura a partir do seguinte argumento de *Ser e Tempo* de Heidegger:

O ente que assim vem ao encontro é visualizado pré-tematicamente por um conhecimento que, sendo fenomenológico, aspira primordialmente ao ser e, partindo dessa tematização do ser, tematiza igualmente o ente em causa. Essa interpretação fenomenológica não é, pois, um conhecimento de propriedades entitativas dos entes mas uma determinação da estrutura de seu ser. (Heidegger, 2002, p. 108).

Portanto, Heidegger não está meramente interessado no que é o conhecimento e sim em sua origem, ou seja, no seu fundamento, que seria o mundo concreto. Heidegger tem a intenção de: “opor uma hermenêutica que ao mesmo tempo é uma fenomenologia da facticidade” (Trotignon, 1982, p. 14), visando assim, as vivências constitutivas da história do indivíduo, e determinar os entes a partir do mundo onde eles aparecem como fenômenos. A relação seria a seguinte: sempre quando entro em relação com algo dado, e enuncio algo verdadeiro, já tive anteriormente uma relação prévia com a verdade. Aqui, Heidegger também tem a possibilidade de criticar o modelo de investigação objetivista científico. O termo *zuhanden* designa um lidar com as coisas, o que diz que, já sempre estamos lidando com algo previamente, o ser. Em *Ser e Tempo*, Heidegger (2002, p. 111), diz: “O modo de lidar com instrumento se subordina à multiplicidade de referência do “ser para” (*Um-zu*)”.

Heidegger mostra que sempre que proporcioneamos algo, o objeto para o qual nos dirigimos estar sendo modificado em seu modo próprio de ser, como MacDowell (1993, p. 55) nos mostra, o objeto perde seu sentido originário, sua essência, assim, ao “ser assumido pelo sujeito, o dado objetivo é submetido a uma modelagem [...]”. Heidegger critica a síntese entre sujeito e predicado; nesta relação não dizemos verdadeiramente a coisa. Portanto, uma proposição é sim um modo de interpretação, mas um modo no qual não se está (*Zuhanden*) no modo prévio e originário com o ente, o uso. Este é o modo mais originário de “ver” as coisas, porque antecede a contemplação, a conceitualização numa experiência direta com o ser. Veja-se como em *Ser e Tempo* (2002, p. 108) nos diz Heidegger (2007, p. 144): “o modo mais imediato de lidar não é o conhecimento meramente perceptivo e intelectual, mas sim, a ocupação no manuseio e uso”, e essa é uma maneira que difere do conceito lógico do *lógos*,

como *ratio*, razão, é o conceito de verdade como *alethéia*, desencobrimento que começa a se esclarecer aqui, [...] não da verdade como concordância, mas como desencobrimento”. Heidegger põe assim, em questão, os principais conceitos da tradição metafísica ocidental que consideram o intelecto como sendo o meio para chegar à verdade. Para ele não seria a razão que nos permitiria chegar a uma verdade ou compreensão. Para Heidegger (2002, p. 111) a prática, o uso (*phronesis*), é que permite uma compreensão ser alcançada, “visualização puramente ‘teórica’ das coisas carece de uma compreensão [...]”. Acrescenta-se que a verdade é anterior à predicação, e ainda, anterior ao que é enunciado, a própria verdade como desencobrimento é entendida como uma abertura pré-predicativa, ou ainda, pré-lógica.

Portanto, não se deve aceitar que a lógica tradicional, a metafísica e as ciências pretendam-se saberes universais a partir de uma noção de sujeito separado do objeto, pois, o próprio questionar, sendo a essência do homem, coloca o questionador na pergunta. Vemos que a filosofia difere da ciência, porque a filosofia coloca dentro do questionamento de si mesmo o homem que interroga: “toda questão metafísica somente pode ser formulada de tal modo que aquele que interroga, enquanto tal, esteja implicado na questão [...]” (Heidegger, 1979, p. 35). Isso é um modo hermenêutico e fenomenológico de entender o modo de direcionamento do homem ao mundo. O *Dasein* é um ser-junto-a...

O conceito de mundo para Heidegger constitui o pano de fundo para a possibilidade do conhecimento do *Dasein* sobre as coisas. *Dasein* é ser-no-mundo, isto, é uma constituição originária desse ente. O próprio Heidegger (2002, p. 90) nomeia de “[...] constituição ontológica que designamos *ser-no-mundo*”. E será a partir desta designação de ser-no-mundo que Heidegger irá elaborar uma crítica da teoria do conhecimento tradicional. Estando no mundo como *Dasein* o homem se ocupa com os entes de maneira familiar, no sentido de que ele se envolve dinamicamente no mundo de maneira prática.

Logo, esta relação entre o homem e o mundo não se dá de maneira teórica reflexiva, mas é um movimento em que o *Dasein* sempre esteve envolvido. Está no mundo significa que o *Dasein* sempre se projeta em direção ao horizonte que dá sentido às suas próprias possibilidades, no mundo o *Dasein* se comporta em relação à sua própria existência. Esse conceito de existência em Heidegger indica estar “fora” de si mesmo, ou seja, sempre ocupado com os objetos no mundo que nos vêm ao encontro, no processo de conhecer. Justamente nesse ponto há a ruptura de Heidegger com as teorias que se sustentam, como em Descartes e Kant, a partir da subjetividade. Já não há mais subjetividade como fundamento, e como esta era a base para verdades eternas também estas verdades já não são mais possíveis porque o fundamento

do conhecimento estando sempre em uma situação histórica como acontecimento, se torna finito tendo como base o mundo como fenômeno. Esclarece-se, em *Sobre a essência do Fundamento*:

O fato de “mundo” significar justamente a existência do homem no convívio histórico e não como fenômeno cósmico, como espécie e ser vivo, torna-se ainda particularmente claro a partir das expressões que Kant aduz para a clarificação existencial de mundo: “conhecer mundo” e “possuir mundo”. Ambas as expressões significam, ainda que ambas visem à existência do homem, algo diferente, “enquanto um (o que conhece o mundo) apenas *compreende* o jogo a que assistiu, o outro, porém, *tomou parte do jogo*”. Mundo aqui é nome para o jogo do ser-aí (*Dasein*), cotidiano, para este mesmo (Heidegger, 1979, p. 113).

Por isso, entende-se que Heidegger tenta resolver o problema kantiano da mediação entre racionalismo e empirismo, e entre subjetividade e objetividade a partir da noção terminológica de *Dasein* como ser-no-mundo, porque como ser-no-mundo, a síntese já não se dá a partir da relação entre intuição e entendimento, como em Kant, mas o próprio *Dasein* como ser-no-mundo já é a própria síntese. Sendo ele, o próprio homem, o lugar da síntese, o autor escapa do risco de cair no racionalismo, ou no empirismo. Através do movimento dinâmico do *Dasein* na sua existência de forma prática ele se articula em existenciais, e aqui se resolve a mediação racionalismo e empirismo, a síntese é justamente o momento em que o *Dasein* se comporta na existência: “O projeto é a constituição ontológico-existencial do espaço de articulação [...]” (Heidegger, 2002, p.201). Acrescenta-se ainda o que se mostra na mesma obra *Ser e Tempo*:

O projeto sempre diz respeito a toda abertura do ser-no-mundo, [...] a compreensão pode-se colocar primariamente na abertura do mundo, ou seja, a pre-sença (*Dasein*) pode, de início e na maior parte das vezes, compreender-se a partir de seu mundo (Heidegger, 2002, p. 201).

É este o movimento dinâmico de articulação na existência humana que possibilita a partir de uma abertura o encontro do *Dasein* com os entes a serem conhecido, que chamamos aqui de projeto.

A partir do que se mostra, em Kant, surge o eu transcendental e, em seguida, o eu singular; e a síntese une esses dois. Para Heidegger, o caráter fenomenológico-hermenêutico do *Dasein* e seu caráter ontológico como ser-no-mundo possibilita a própria unidade entre o universal e o particular, quer dizer, entre racionalismo e empirismo. Isso implica em afirmar que o *Dasein* tem em sua existência vivenciada (a partir de um existencial de compreensão,

tanto de si, quanto do ser e do mundo que o envolve) uma pré-compreensão do ser. Esta, sendo originária, permite que se entenda que a compreensão de si seria a singularidade e a compreensão do ser a universalidade. Por fim, a compreensão de mundo seria a unidade da compreensão de si e de ser, da qual surge o ser-no-mundo como fundamento do conhecimento, como sendo uma constituição prática do mundo, em outras palavras, um modo de ser do *Dasein*. A “‘compreensão’ no sentido de *um* modo possível de conhecimento [...] deve ser interpretada juntamente com este como um derivado existencial da compreensão” (Heidegger, 2002, p. 198).

Entende-se a partir de tais conjecturas que o modo de ser do conhecimento é o produto de atividades que possibilita a síntese em Kant entre intuição e conceito. Em Heidegger isso é superado pela unidade dos esquemas existenciais do *Dasein*, mais uma vez, o conhecimento como modo de ser do *Dasein* possibilita a síntese, e não vice-versa. Logo, em Heidegger, a possibilidade de conhecimento está fundada nesta unidade que se torna o fundamento do conhecer, em oposição à subjetividade. Ele transforma a síntese em transcendência. Dessa maneira, o homem ultrapassa a si mesmo em direção ao mundo, a “[...] transcendência, contudo, é a ultrapassagem que possibilita algo tal como existência em geral” (Heidegger, 1979, p. 104). Além disso: “Nós designamos aquilo *em direção do qual* (horizonte) o ser-aí (*Dasein*) como tal transcende, o *mundo*, e determinamos agora a transcendência como *ser-no-mundo*” (Heidegger, 2002, p. 105). É essa concepção de transcendência que permite a Heidegger o “salto” das noções kantianas de intuição, conceito e síntese, para sua interpretação fenomenológica desses três momentos os quais denomina de esquemas existenciais da *situação*, *ontologia* e *projeto* do *Dasein* no mundo, respectivamente representando intuição, conceito e síntese, a partir da fenomenologia.

Consequentemente, como mostra Faria Blanc (1998, p. 302), “uma *situação* representa a finitude do conhecimento, se a intuição é receptiva, então reside na facticidade e é um elemento fundamental da transcendência, a transcendência coloca o ser-aí (*Dasein*) em situação no mundo”; e mais, “*conceito* como atividade produzida pelo entendimento, se torna o fundamento da ontologia para Heidegger. A constituição ontológica do *Dasein*, ser-no-mundo é a possibilidade da unidade da multiplicidade recebida pela intuição, unidade exercida por uma das categorias” (Blanc, 1998, p. 302). Os juízos analíticos e sintéticos kantianos mostram cada um uma unidade, que é entendida como “fundo” do conhecimento de um objeto. Estes juízos são justamente o que possibilitam o conhecimento estar fundado *a priori*. Vejamos o que nos diz Faria Blanc em *Estudos sobre o ser*:

Os diversos tipos de juízos manifestam os diversos tipos de unidade, isto é, categorias, que são a base da constituição do ente enquanto ente, ou seja, do conhecimento “a priori” do ser do ente. Heidegger interpreta os conceitos puros do entendimento a partir da terceira modalidade do acto de fundar, ou seja, a partir da justificação ontológica (*ontologische begründung*) entendida como a apreensão conceitual do ente como tal na estrutura do juízo segundo o esquema das categorias (Blanc, 1998, p. 302).

Isto significa que o próprio Kant já teria derivado a constituição do conhecimento de maneira ontológica a partir de uma pré-compreensão. Então, Heidegger (2002, p. 200) acompanha o raciocínio de Kant: “a compreensão sempre alcança toda constituição fundamental do ser-no-mundo”. Heidegger, analisando as noções kantianas de intuição e conceito, constata que ambas constituem um horizonte mais originário para a aparição do fenômeno sensível para o *Dasein*, que é o ser. É com essa constatação que Heidegger introduz o existencial do *projeto* como sendo a transcendência que possibilita a passagem de todo o conteúdo da intuição como situação para o conceito, chegando ambos há uma noção de projeto como vivência histórica do *Dasein* no mundo como acontecimento da verdade. O ser acontece na história como verdade. Heidegger mostra, em *Sobre o humanismo* (1979, p. 164): “[...] o homem é, em sua essência ontológico-historial [...]” a partir de um projeto fundado na abertura como *clareira* do *Dasein* para essa compreensão. Esta é a antecipação heideggeriana que fundamenta a síntese a priori de Kant, ou seja, para Heidegger o próprio ser fundamenta o conhecimento a partir de uma essência transcendental. Como podemos ler nessa passagem, na conferência *Carta sobre o humanismo*:

[...] A clareira mesma, porém, é o ser. Ela somente garante, no seio do destino ontológico da Metafísica a perspectiva a partir da qual as coisas que se apresentam afetam o homem que lhe vem o encontro: desta maneira o próprio homem pode apenas atingir o ser (*thigean*, Aristóteles, *metafísica*, VIII, 10) na percepção (*noein*) [...] (Heidegger, 1979, p. 158).

Para Heidegger, a tradição deixou sem discussão o modo como acontece a relação entre o intelecto e a coisa, ou objeto. A essência da verdade, como *alethéia*, foi substituída pela tradição, que adotou o conceito de concordância como essência desta verdade. Para Heidegger, importa mostrar em que reside a essência dessa relação, e será da mesma maneira que foi criticada a relação entre sujeito e objeto que o autor se direcionará para uma crítica ao conceito de verdade tradicional. E a verdade agora passa a ser abordada a partir da ontologia, da mesma maneira a verdade e sua essência são “lançadas” para dentro da constituição ontológica do *Dasein* como ser-no-mundo, e, a verdade passa a ser vista como um fenômeno, acontecimento histórico, não mais como uma propriedade do juízo ou da subjetividade. A verdade tem como

essência descobrir, e não concordar. Assim, numa proposição verdadeira o que acontece é um desencobrimento do ente, partir do *lógos* originário que tem a função de “deixar ver” o ente em seu ser mesmo, descoberto. Portanto a verdade não tem como essência uma *adaequatio* a partir de uma relação entre um sujeito e um objeto, sua essência é descobrir, desvelar, e este é um modo de ser do *Dasein*.

#### 4 CONCLUSÃO

A partir de tais considerações, para Heidegger, o conhecimento é um modo de ser de um ente que tem a capacidade de compreensão de si mesmo e do ser, a partir de modos existenciais, que ele denomina como esquemas. Interpretando a teoria de Kant, e seus esquemas, Heidegger coloca sempre o *Dasein* em vista de um projeto existencial em uma determinada situação histórica, essa determinação, o situa frente à verdade como um acontecimento desvelador de seu ser na história. Essa compreensão de Heidegger foi alcançada através do método fenomenológico que ultrapassa as interpretações tradicionais do ser como fixo e imutável, para ele esse acontecimento da verdade se dá junto com o ser, e tem sua possibilidade dentro de uma pré-compreensão do ser, que é uma característica própria do *Dasein*.

Nesse sentido, o conhecimento para Heidegger não é um processo teórico reflexivo, mas sim, um modo de ser do *Dasein*, permitido de *maneira* dinâmica no mundo em que este se encontra. Há uma compreensão em Heidegger que é originária, e que não se preocupa em apreender os entes como objetos em suas particularidades, como se estes fossem independentes de seus predicados que os caracteriza. A verdade como descoberta apreende o sentido do ente, esse é o fenômeno originário da verdade, e que fundamenta o conhecimento, e fundamenta a proposição. A verdade em relação com o ser, e conhecimento em relação com a compreensão originária estão em íntima conexão ontológica fundamental.

#### REFERÊNCIAS

ARANHA, M, L, Arruda. PIRES, H, Maria. **Filosofando: Introdução à Filosofia**. 4. ed. São Paulo: Moderna, 2009.

BLANC, M, Faria. **Estudos sobre o ser**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.

CASANOVA, Marco Antônio. **Compreender Heidegger**. Petrópolis: Vozes, 2009

HEIDEGGER, Martin. Sobre a essência do fundamento. In: **Conferências e escritos filosóficos**. Tradução e notas de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção Os Pensadores).

HEIDEGGER, Martin. O que é Metafísica? In: **Conferências e escritos filosóficos**. Tradução e notas de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção Os Pensadores).

HEIDEGGER, Martin. Carta sobre o Humanismo. In: **Conferências e escritos filosóficos**. Tradução e notas de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção Os Pensadores).

HEIDEGGER, Martin. **Conceitos Fundamentais da Metafísica**: mundo, finitude, solidão. Tradução de Marco Antonio Casanova – 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2011.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Parte I. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. 12. edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

KANT, I. **Crítica da razão pura**. Tradução de Fernando Costa Mattos. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2015 (Coleção Pensamento Humano).

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Tradução de Valerio Rohden e Baldur Moosburger. Nova Cultural: São Paulo, 1996. (Coleção os Pensadores).

MAC DOWELL, João Augusto. **A gênese da ontologia fundamental de M. Heidegger**: Ensaio de caracterização do modo de pensar de *Sein und Zeit*. São Paulo: Loyola, 1993.

HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma Fenomenologia pura e para uma Filosofia Fenomenológica pura**. Tradução Márcio Susuki. Aparecida SP: Ed. Ideias e Letras, 2006. (Coleção Subjetividade Contemporânea).

TROTIGNON, Pierre. **Heidegger**. Tradução de Armindo José Rodrigues. São Paulo: Livraria Martins Fontes. Edições 70, 1982.